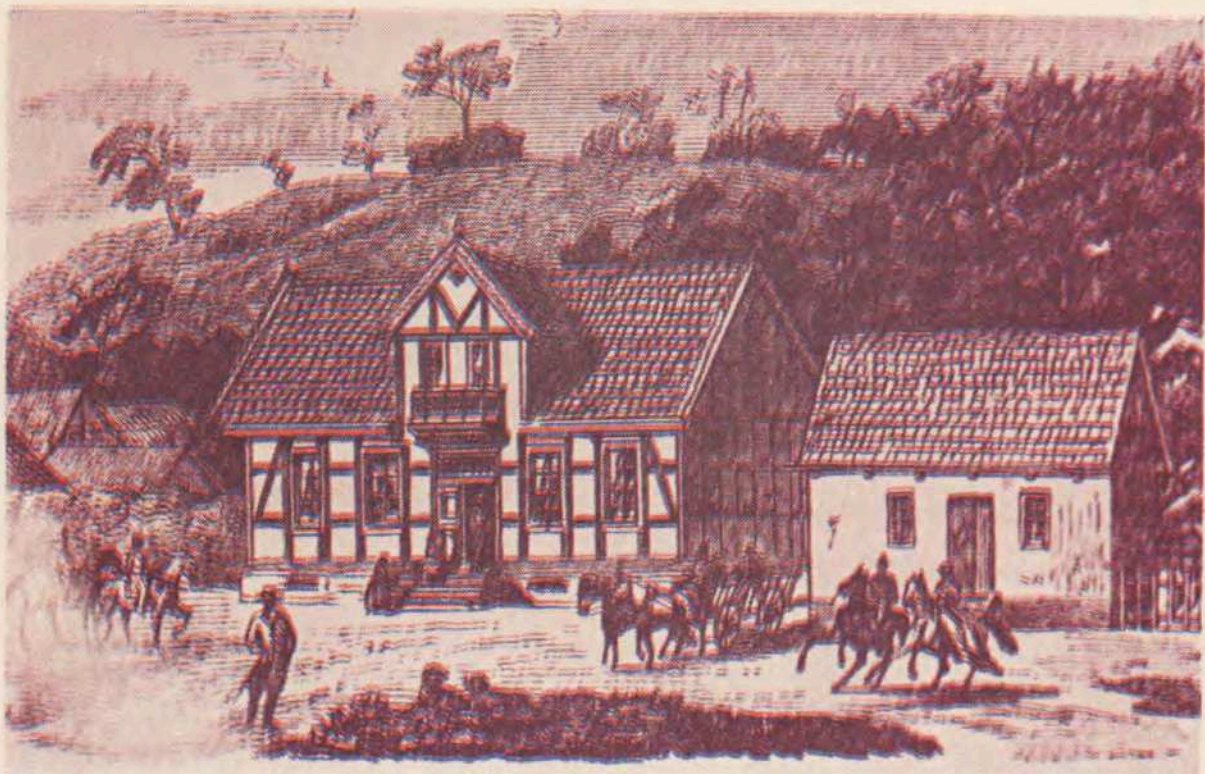


TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO N.º. 48
ECT DR - S. C.



Blumenau

em cadernos

TOMO XV



Junho de 1974



N.º. 6

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústria Têxtil Companhia Hering

Artex S/A.

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Artur Fouquet - Blumenau

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A.

Tecelagem Kuehnrich S/A.

Malharia Blumenau S/A.

Consulado Alemão

Blumenau

em Cadernos

TOMO XV

JUNHO DE 1974

Nº. 6

O TEMPLO CATÓLICO DE BLUMENAU COMO CENTRO DE ATRAÇÃO TURÍSTICA

Federico Carlos Allende

Blumenau, capital econômica do Estado de Santa Catarina, com suas inúmeras fábricas e modernas lojas, onde predomina o bom gosto e o mais variado sortimento de artigos para todos os critérios, fala bem alto do extraordinário surto de progresso que atingimos nestes últimos anos.

Se essas indústrias, esse ativo comércio, falam extraordinariamente das atividades, no constante labor de sua gente, não menos importante é considerar-se o espírito de paz, ordem e disciplina, que norteiam a População pacata desta cidade.

Se expressivo, é o número de suas indústrias e de seu comércio, que atrai constantemente inúmeros turistas, pela merecida fama dos produtos aqui elaborados, não menos importante são as paisagens que se descortinam em toda a região, em suas mais características formas, dando aos forasteiros a ideia de uma cidade diferente das demais, de nosso tão vasto país.

A par deste imenso parque industrial, grande número de escolas, colegios e ginásios além de uma Faculdade, preparam as gerações do futuro para os embates da vida, dando às crianças e à juventude a devida instrução, tão necessária nos dias que correm.

Para comprovar essa nossa assertiva, damos alguns dados sobre o que é, o que significa em Blumenau, o setor de educação:

Existem em Blumenau 32 escolas de primeiro grau, isto é, de primeira a quarta série. Trinta escolas de primeiro grau, que vai da

primeira a oitava série. Escolas de segundo grau, são em número de tres. Existem dois estabelecimentos de ensino para o Normal. Um estabelecimento com ensino de Contador, que anualmente diploma jovens que terminam o curso. Dois estabelecimentos, mantem o curso científico. Do núcleo comum mantem Blumenau dois cursos. Faculdades, existem em nossa cidade cinco, que são: Ciências Econômicas, Ciências Jurídicas, Filosofia, Ciências e Letras, Engenharia Civil e Engenharia Química, Ciências Sociais e, em organização, Educação Física. Há um sem número de sociedades recreativas, esportivas, beneficentes, além daquelas em que se cultua as artes cênicas, musicais e do bel-canto, fazem da pequena Blumenau, grande em todas as suas atividades.

No campo religioso, a grande frequências às igrejas é prova inconteste da inabalável fé que domina os sentimentos deste povo laborioso que, procura na graça de Deus, novo alento e firmeza, para a labuta cotidiana.

Fundada por Otto Hermann Blumenau, que aqui chegou e, em 1850 recebeu os 17 primeiros imigrantes, este rincão da pátria brasileira, abençoada por Deus, foi se desenvolvendo rapidamente, apesar de todos os precalços que lhe toliam os seus incertos primeiros passos.

Estribados, porém, na fé que remove montanhas, seus pioneiros, colonizadores, crentes nos altos desígnios da Providência, puseram mãos à obra na consecução de seu desiderato.

Sendo a maioria de seus primeiros habitantes do credo Evangélico, nunca se descuidaram de renderem graças ao Céu, embora não houvesse ali um templo e, nem sequer o seu pastor. Todavia, já em 1857 era de 40 o número de católicos da região, para 569 do culto evangélico. Na falta de um pastor e de um sacerdote, reuniam-se os colonos aos domingos para assistirem à leitura da Bíblia, cada grupo em local diferente, até que as primeiras capelas começaram a surgir, cobertas de palha e, com elas, vieram os primeiros pastores e primeiros sacerdotes que cuidavam dos rebanhos espalhados pela imensidão do território ainda em formação.

Na figura dinâmica do inolvidável vigário, Rvmo. Padre Jacobs. possuidor de vasta cultura, além de entranhado amor, à salvação das almas, a profunda caridade, o que fez, com que a nova Igreja se levantasse, e a par dela, a sua primeira escola.

Em pouco tempo, aliás, a Igreja tornou-se exígua demais, e outra foi construída, mais ampla, mais condizente com o natural crescimento do rebanho do Senhor. E esta agora, já de alvenaria e tórre. no centro da cidade, com sinos a anunciar aos fiéis os officios divinos e a assinalar as horas das Ave-Marias...

Todavia, em poucos anos, igualmente essa Igreja não comportava o grande número de fiéis, e a construção de outra se fez sentir, tornando-se a preocupação constante dos católicos do lugar.

Era, entretanto, preciso que para obra de tal envergadura, surgisse novo e aguerrido soldado de Cristo, que, com a audácia e inquebrantável fé de que estava possuído, tornasse a gigantesca iniciativa, em importante e audaz empreendimento de notáveis proporções. Era o Padre Frei Braz Reuter da Ordem dos Franciscanos Menores, o qual, como vigário, desde as primeiras horas, a serviço do grande rebanho, que o Senhor lhe confiara, trabalhava de sol a sol, para ver coroado de exito o seu empreendimento, a fim de que a Igreja acompanhasse o surto de progresso da população blumenauense, que se alargava por todas as direções. De fato, a obra era por demais audaciosa, como muitos julgavam, mas em trabalho ininterrupto, arrostando dificuldades sem conta, as paredes foram se erguendo paulatinamente, com pedras lavradas, com material provindo do ubérrimo Vale do Itajai, e crescendo em altura, e cinzeladas por mãos de artífices que fizeram com que tão grande empreitada seja hoje admirada por todos.

Finda a construção da Igreja, deu-se início ao levantamento da torre, igualmente de pedras lavradas, e que dão aos crentes a impressão das velhas catacumbas, onde os antigos cristãos se reuniam para adorar a Deus, e frequentar os ofícios divinos. Anos se passaram e, eis que se chegou ao término da monumental obra, marco eloquente da religiosidade de um povo e da força inesgotável de sua fé.

Agora ai estão a Igreja e a torre, numa soberba demonstrações de nossa fé, monumento este que será legado aos pósteros, num testemunho eloquente de que a fé, remove montanhas.

Para Blumenau esse monumento grandioso é mais uma atração turística, para fiéis e mesmo agnósticos, que virão a estas plagas, os primeiros, para depositarem aos pés do Senhor, as suas preces e ofertas, e os outros, a homenagem muda dos que não sabem rezar. E quantos corações impedernidos, ao visitarem despreocupados o majestoso templo, não sentirão as cálidas ondas da graça, sentindo-se pequenos diante da grandiosidade da obra que tem ante seus olhos. Ai, e quantos não se sentirão atraídos pela graça ao rebanho do Senhor, que os chama através da contemplação das coisas criadas.

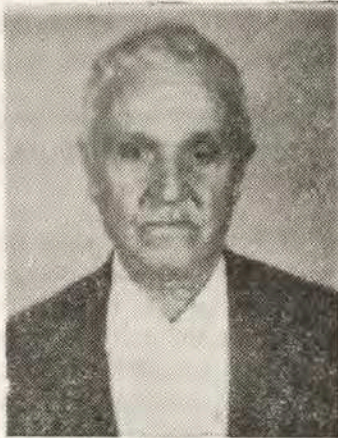
Uma Igreja simples, sem adôrnos, mas que, com lages frias, como o frio coração dos indiferentes, pode, certamente chamar com o calor da Graça de Cristo Crucificado, sobre o altar, ou escondido no Sacrário, as almas famintas dos que, em vilegiatura passarem por esta cidade, visitando a Casa de Deus, e diante da majestada de sua arte, em sua simplicidade, voltarão ao aprisco do Senhor, que abandonaram desde a meninice. É Cristo Crucificado, elevado entre o Céu e a terra, no madeiro que os atrai para a felicidade Eterna que os espera...

É, sem dúvida, essa monumental Igreja, centro incontestado de atração para turistas, os quais, de todos os quadrantes da Pátria, e mesmo do estrangeiro, aqui visitarem o Templo consagrado a São Paulo Apóstolo, e como num novo caminho de Damasco, voltarão para Deus como Saulo.

UMA INFORMAÇÃO CONTRADITÓRIA

C. GAERTNER

Max Koteski, nascido no Antigo Império Austro-Húngaro a 12 de janeiro de 1892, desembarcou com sua família no porto de Paranaguá a 12 de outubro de 1895. Atualmente, feitor aposentado da Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, reside na Estação Gramado, Linha Sul, entre Rio das Antas e Videira. Apesar da propecta idade é homem saudavel, lúcido e forte.



MAX KOTESKI

Tive dificuldades em encontrá-lo, pois cada vez que o procurava era informado pela Senhora Koteski, tão idosa quanto ele, de que o marido estava nas lavouras. Koteski parece em excelente forma, apesar de ter passado a vida na dura faina das Turmas de Conserva, de sol a sol, numa época em que não havia leis trabalhistas, nem tratores, marteletes e outras máquinas, e em que toda obra era produzida exclusivamente pela força do braço. - Dá-se com ele o que geralmente sucede com

todos os velhos: esquece os fatos recentes, ao passo que os remotos tomam uma nova e intensa luminosidade, contraste e nitidez no video da memória.

Ingressou na Estrada de Ferro a 2 de Janeiro de 1908, trabalhando na construção, efetivando-se depois na Via Permanente como operário da Turma de Conserva 75, em São São João. Trabalhou entre aquela Estação e Marcelino Ramos. - Contou que, achando-se na Turma 81, da Estação Herval, um grupo de fanáticos invadiu a Estação Rio das Antas, cujo Agente era Max Saverzack, e a Turma 67 do feitor Nicolau Kosternak, levando armas e objetos. Invadiram também outras Turmas vizinhas, insistindo para que os turmeiros fosse com eles para o reduto, mas respeitaram as famílias.

O cronista Wiera (Kalender für die Deutschen in Brasilien. 1917. Rotermund. Pág. 409) não faz referência a esse episódio. Cita a data de 2 de Novembro de 1914, dia de Finados, como sendo a do ataque dos jagunços á colonia Rio das Antas, enquanto Koteski afirma ter sido a 1º de Novembro, dia de Todos os Santos. Mas essa diferença tem pouca significação a não ser para a acurância.

Há, entretanto, uma outra afirmação que, se verificada exata, altera substancialmente algumas conclusões.

Max Koteski, operário da Companhia, contemporâneo da cons-

trução (1908-1910) e coevo da Guerra dos Fanáticos (1912-1916), conta com simplicidade e singeleza, ignorando a contradita, que, terminada a construção, a Companhia forneceu aos trabalhadores trens especiais para remoção do local da obra. Especifica que os trens eram constituídos por vagões-gaiolas, para suínos, alguns com dois andares, acomodando-se os solteiros na parte de cima e os afamiliados na parte inferior. - À pergunta direta sobre a quantidade de trabalhadores que ficaram na região, respondeu que ficaram poucos, citando João da Cruz, Fernando Tomé de Medeiros, Salvador Lopes Santana e Joaquim Costa, possivelmente havendo outros. Os nomeados já são falecidos e, exceção feita de Joaquim Costa, conheci os demais. João da Cruz pertencera ao Corpo de Bombeiro do Rio; tendo enviuvado de sua mulher Sara, amaridou-se com Maria Benvinda. Fernando Tomé de Medeiros, natural da Laguna, casou com uma irmã do Subdelegado Lucas Alves Ribeiro, e Salvador Lopes tornou-se, mais tarde, seu genro. Todos trabalhavam nas Turmas de Conserva, abandonando a ferrovia para se tornarem proprietários e agricultores na região. O português Joaquim Costa, segundo a informação de Koteski, era operário da Turma 69, tendo casado com a filha de um caboclo de nome Bertolino que aderiu aos jagunços por influência de um outro genro.

Assim, temos por um lado a declaração do velho operário da Companhia, coetâneo dos fatos ocorridos em 1910 e conhecedor dos protagonistas, e, por outro lado, temos a afirmação do General Setembrino de Carvalho, comandante em chefe das operações militares e da Região, tendo seu QG em Curitiba, vindo, quando necessário, a Porto

União. No seu Relatório apresentado em 1915 ao Ministro da Guerra General de Divisão José Caetano de Farias, lemos: — “Mais tarde, com a construção da São Paulo Rio Grande, dada a espécie dos operários empregados no serviço da linha, os sertões foram se enchendo dos piores malfeitores, oriundos de todos os lugares, principalmente de Pernambuco e do Rio.” — “Terminada a construção e por uma deslealdade dos empreiteiros comumente praticada com esses homens desprotegidos, foram os trabalhadores da linha abandonados nos mesmos sitios em que se achavam as turmas a que pertenciam.” — “Ora, essa gente, entre a qual se contavam célebres fascínoras, apurava, pela propria feição da sociedade em que vivia, de todo em todo do influxo sereno das leis, os atributos da coragem e da força, manejando por igual a picareta e a faca.” (SINZIG. Apud Frei Rogerio. 1930 pag. 204).

Com muita justeza observou o Padre Antônio Vieira que as coisas valem não *como são ditas*, mas *por quem são ditas*. A afirmação do General traz todo o peso da sua grande autoridade, pelo que foi transcrita por todos os cronistas e historiadores, sem maior exame, servindo de premissa para conclusões naturalíssimas.

Mas, voltando as nossas vistas para os iniciadores do movimento se tornou armado, não encontramos entre eles nenhum nome que identifique criminosos vindos do Rio e Pernambuco. Lá estão Euzebio Ferreira dos Santos, netos e filhos, Praxedes Gomes Damasceno, Manuel Assumpção Alves da Rocha e filhos, Francisco Pais de Farias (Chico Ventura), Francisco Alonso de Souza (Chico Alonso), Alexandre Ferreira de Souza (Xandoca), Elias de

Morais, Elias dos Santos, sua filha Maria Rosa, e outros, todos filhos da região ou nela residentes há muitíssimos anos. Mesmo Benevenuto Alves de Lima (Venuto Baiano), que trabalhou na construção, já se encontrava radicado no sertão, tendo desertado da Marinha de Guerra num porto catarinense em 1894, servido ao caudilho Demetrio Ramos, vindo hómiziar-se perto de Perdizes Grandes, no Município de Curitiba-nos, devido a um homicídio.

Entretanto, não nos parece que a afirmativa do General tenha sido própria e circunstancial, pois teve ele o cuidado de ressaltar, no mesmo Relatório, "... que não se devem aceitar, na ausência de documentos oficiais, as presunções engenhadas pela imprensa..." — Mas sempre é possível uma informação menos exata, mesmo vinda de boa fonte.

Fica aqui registrada a dúvida para ulterior elucidação pelos estudiosos.



A região que hoje abrange o Município de Benedito Novo, faz parte da área de colonização de Frederico Donner, quando fundou a cidade de Timbó, então colônia de Blumenau. O Distrito de Benedito Novo, criado em 1943, foi desmembrado de Rodeio e sua instalação ocorreu em 29 de dezembro de 1961. O município é formado dos distritos da sede, de Santa Maria e de Doutor Pedrinho. Até 1965 pertencia à Comarca de Indaial, Atualmente pertence à Comarca de Timbó. O município limita-se com Timbó, Rodeio, Ascurra, Ibirama, Rio Negrinho e Rio dos Cedros. A sede está situada a 160 metros de altitude e o ponto mais alto do município é de 850 metros acima do nível do mar. O clima é quente no verão e úmido no inverno. A temperatura máxima é de 37 graus no verão e a mínima de 0 graus no inverno.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Orgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

A COLONIZAÇÃO ITALIANA EM SANTA CATARINA

por *Walter F. Piazza*

Já, por várias vezes, escrevemos sobre este assunto, em resumos ou abordando temas específicos.

Creemos, entretanto, ser de suma importância que uma nota seja, agora estampada.

Vale recordar!

A primeira contribuição massiva dos italianos à ocupação do território catarinense é a Colônia "Nova Itália", fundada em 1836, por iniciativa da firma DEMARIA & SCHUTEL, em terras, hoje pertencentes ao município de São João Batista, no então grandioso município de São Miguel, e que mereceu pequeno, mas substancioso estudo do mais dinâmico e mais profundo historiador catarinense, o Almirante Lucas Alexandre Boiteux, sob o título "Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina" (Florianópolis), Departamento Estadual de Estatística, publicação n.º 11, 1939. 65 p.).

Segue-se, quarenta anos depois, a "Grande Colonização" italiana, graças ao Contrato celebrado a 30 de junho de 1874 entre o Governo Imperial e Joaquim Caetano Pinto Júnior, para introduzir no Brasil cem mil (100.000) imigrantes, exceto na Província do Rio Grande do Sul.

Deste contrato vai ter origem o intenso povoamento de grande parte do território catarinense, a partir de 1875.

Ver-se-á eclodir uma nova era na ocupação do solo catarinense.

Levas de imigrantes sobem o Itajaí-açu e se alojam ao longo dos seus tributários, como o Benedito e o Cedros, outros vão para o Itajaí-mirim e se adentram no seu vale, em direção às nascentes, enquanto outros, ainda, transpõem o divisor de águas entre o Itajaí-mirim e o Tijucas e ocupam os vales dos tributários do rio do Braço, um dos formadores do Tijucas. Surgem, assim, Rodeio, Ascurra, Rio dos Cedros. Forma-se, deste modo, Porto Franco (hoje Botuverá). Ergue-se, da mesma forma, Nova Trento. Isto para só falar em atuais sedes municipais.

Mas, o sul-catarinense vai receber, por sua vez, ponderável contribuição. Na mesma época, desembarcados no porto da Laguna, são alojados no vale do Tubarão, do Urussanga, e, depois, no Mãe Luzia e no Araranguá.

A vida desta região vai transmudar-se: vão surgir novos núcleos de pujante economia agrícola e de intensa vida social, como Urussanga, Pedras Grandes, Treze de Maio, Nova Beluno (hoje Siderópolis), Turvo, Timbé do Sul, Meleiro, Nova Veneza, Criciúma, para não citar outros.

Processa-se, então, todo um movimento de "modernização" na agricultura de Santa Catarina, com introdução de novas técnicas, de novos

cultivos, de novos métodos de comercialização, pois que a contribuição do italiano foi, básicamente, agrícola (veja-se para mais pormenores: PIAZZA, Walter F. *O italiano e a sua contribuição à agricultura em Santa Catarina*. Curitiba, *Boletim Paranaense de Geografia*. 8-9: 23 - 49. fev. 1963).

Mas, não fica, somente, nisto.

Vai se impor este elemento novo na comunidade, através de lideranças de vários tipos e com várias posições: aqui surge um líder modernizador na agricultura como os agrônomos Giovanni Rossi em Rio dos Cedros e Tullo Cavallazzi, ou um Ermembergo Pellizzetti nos processos de liderança agrícola e comercialização, ou, então, um Luís Bertoli na abertura de novas "frentes pioneiras". Ali pontifica nas relações, quer sociais, quer econômicas ou, ainda, políticas, um Benjamin Gallotti (sênior), no vale do Tijucas. Acolá estão um Miguel Napoli, um Giuseppe Caruso Macdonald ou um Marcos Rovaris, no sul do Estado. Ou, então, orientando os excedentes populacionais das velhas colônias gaúchas, no extremo-oeste catarinense, um Ernesto F. Bertaso, isto para não aprofundar mais o tema.

De outra parte, dos mesmos idos de 1875, é a colonização italiana no Rio Grande do Sul e, de lá, no século atual, para o médio e o extremo-oeste catarinense refluem os seus excessos populacionais, a partir de 1910, com a implantação pela "Brazil Railway Co." (depois Estrada de Ferro São Paulo — Rio Grande) dos trilhos entre Porto União e Marcelino Ramos.

Tanto os contingentes imigrados diretamente, como aqueles que o fizeram indiretamente, muito têm contribuído para o progresso demográfico de Santa Catarina.

A título de exemplo, alguns números.

Face ao Recenseamento do Império do Brasil, de 1872, Santa Catarina possuía 158.513 habitantes, sendo 142.160 livres e 16.347 escravos.

Proclamada a República, já, surgem no Recenseamento de 1900, municípios de nítida formação italiana como Urussanga (com 11.000 habitantes) e Nova Trento (com 8.261 habitantes), isto sem falar na contribuição demográfica em outros municípios, cujos contingentes não se pode, agora, precisar.

No Recenseamento de 1920, evidentemente, vai ampliar a contribuição demográfica do italiano e dos seus descendentes.

Senão vejamos:

Surgem, no então município de Araranguá, os distritos de Criúma e Nova Veneza, respectivamente, com 7.604 e 4.021 habitantes.

Por sua vez, no então município de Blumenau, despontam os distritos de Bela Aliança (hoje Rio do Sul), Encruzilhada (hoje Rio dos Cedros), Rodeio e Ascurra, tendo, cada um deles, 8.800, 4.683, 3.804 e 1.905 habitantes.

No médio oeste, desde 1910, já se fazem sentir os reflexos

populacionais das "velhas colônias" italianas no Rio Grande do Sul e ressaltam, então, no município de Campos Novos, os distritos de Rio Capinzal e Rio das Antas, contendo, respectivamente, 3.351 e 1.354 pessoas. Ainda, na mesma região, no então município de Cruzeiro, apontam-se os distritos de Cruzeiro, Limeira, Bela Vista, Irani, São Bento, Campos e Abelardo Luz, onde o mesmo fenômeno das migrações dos excedentes populacionais sul-riograndenses se faz sentir e poderão ser inseridos nos distritos de Cruzeiro, Limeira e São Bento, onde se tem 1.571, 1.942 e 1.415 habitantes.

No vale do rio Tijucas o município de Nova Trento, com os seus dois distritos, o da sede e o de Aliança (hoje Claraíba) apresentam-se com 4.346 e 1.034 habitantes.

Já, no sul do Estado, no então município de Tubarão, tem-se dois distritos de nítida formação italiana: Azambuja e Pedras Grandes, que se apresentam com 2.482 e 3.072 habitantes. E, finalmente: o município de Urussanga com seus três distritos: Urussanga, Cocal e Belluno (hoje Siderópolis), respectivamente, 5.550, 2.708 e 2.900 pessoas.

Poder-se-ia, numa análise dos censos posteriores, de 1940, 1950, 1960 e 1970, ver e medir este tipo de contribuição, mas, ter-se-ia que considerar os índices de miscigenação havidos e que, só, poderão ser obtidos com pesquisas de maior profundidade e que demandarão muito tempo, pela sua minuciosidade!

Pelos elementos que se apresentou interessa a Santa Catarina dar realce amplamente à colonização italiana, no seu centenário, porquanto, não só demográfica, mas, em especial, nos mais variados setores da vida social, econômica e política do nosso Estado.



A administração blumenauense, consciente da necessidade de fazer preservar as mais gratas tradições trazidas pelos pioneiros fundadores da comunidade, procedentes da Europa, tem procurado dar às sociedades tradicionais de atiradores, de cantos, de música e do folclore, todo o apoio possível, visando o constate desenvolvimento dessas sociedades e seu maior entrosamento com a vida comunitária geral, fato que tem repercutido favoravelmente nos maiores centros do país, constituindo-se assim, as festas tradicionais de tiro ao alvo, de encontro de cantores, um dos mais importantes motivos de atração turística de Blumenau, nos dias atuais. Por isso mesmo, vem sendo organizado com muito carinho pela administração pública blumenauense, o programa especial de festejos, neste ano de 1974, quando se comemora, em todo o país, o Sesquicentenário da Imigração Alemã no Brasil,

Aconteceu em Brusque há 100, 75 e 50 Anos

Ayres Gevaerd

1874 - 23 de fevereiro — É absolvido, nessa data, pelo Juiz de Direito de Itajaí, Dr. Manuel Martins Torres, o ex diretor das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, Major João Detzi, da acusação de desvio de verbas ou “abusos cometidos, distraindo dinheiros publicos” quando no exercício do cargo em 1871.

Figuraram no processo como testemunhas: Maximiliano von Borrowski, 33 anos, empregado público; Paulo Schwartz, 28 anos, empregado público; Guilherme P. Krieger, 26 anos, negociante; Ludovico Spengler, 43 anos, marceneiro; Guilherme Jungbluth, 53 anos, lavrador; Carlos Schwartz, 58 anos, marceneiro e Philip von Krause.

Março — É organizado na Vila, por Augusto Maluche, o primeiro Conjunto Musical Brusquense, Instrumental; um clarinete, dois pistões, um bugle, um trombone e um bombardão. Nossa primeira Banda fez sua estréia na festa de Páscoa da Sociedade de Atiradores, por 30\$000.

21 de junho — Iniciam-se as obras da Igreja Matriz Católica cuja construção terminou em 1877. Em 1957 foi demolida.

Setembro — É o seguinte o texto do convite - circular firmado pela Comissão da 3ª Exposição Agrícola Colonial: “A Associação Agrícola da Colonia Itajahy, tem a honra de convidar Va. Sa. para sua 3º exposição de produtos da lavoura e industria e que se há de abrir a 30 de setembro proximo futuro. Animada como está a Associação pelos bons resultados das duas primeiras exposições e também pelo estímulo que se tem despertado entre os produtores, quer deste nucleo colonial quer das circunvisinhanças, não é menos grato a aprovação que tem merecido do Governo Geral e Provincial e da ilustrada imprensa da Provincia, o que lhe dá forças para prosseguir na carreira encetada. A Associação espera que Va. Sa. se dignará concorrer com o seu valioso contingente (produto agrícola, industrial, etc.) para mais essa meta de trabalho.” Assinado: Dr. Luiz Betin Paes Leme — presidente, Pastor Henrique Sandrescky — secretário e Paulo Schwartz — tezoureiro. O convite foi impresso em português e alemão. Original no Museu Histórico do Vale do Itajaí.

Não se tem conhecimento da existência da relação dos premiados da terceira exposição. Entretanto é interessante relacionar os expositores e produtos da 4ª exposição, de 1875, cujo número deve ter sido igual à anterior e pela variedades agrícolas, industriais e de artesanato, além de animais:

1º prêmio (medalha de prata) — Augusto Höfelmann (aguardente), José Henrique Flôres (farinha de mandioca), Belmiro Amorim Servo (açúcar), Nicolau Fischer (açúcar), Pedro Heil (fumo em fôlhas), Domingos José Peixoto (arroz), Cristiano Staak (arroz), Cristiano Westphal (feijão), Detlef

Horst (araruta), Augusto Heinrich (sabão), Henrique Schefer (gado).

2º prêmio (medalha de bronze) — Pedro Rieg (fumo em fôlhas), Guilherme Krieger (idem), Pedro Reitz (charutos), Henning Jönk (farinha de arroz), Augusto Höfelmann (feijão), Detlef Todt (batata), João M. Kohler (araruta), Francisco Hoerner (farinha de mandioca), Daniel Klabunde (açúcar), Francisco da Cunha (aguardente), Pedro Heil (idem), Henrique Sandreczky (feno), H. Busch (óleos etéricos), Margarida Joenck (lã e meias), Carlos Beyerstedt (cerveja), Henrique Schefer e Guilherme Thies (cerveja), Guilherme Wandrey (cavalos), Vicente Quintino Pereira (gado).

3º prêmio (Menção honrosa) — Pedro Mathiesen e Jacó Krieger (charutos), João Dressel (cevada), Daniel Klabunde (aguardente), Germano A. Thieme (alcool), Cândido E. Correia (farinha de mandioca), João Antônio Cunha (idem), Guilherme Wandrey (açúcar), Cristiano Westphal (farinha de arroz), Henning Joenck (farinha de milho), Francisco Hömer (fumo em fôlhas), Claus Niebuhr (taiá), Carlor Neufeldt (trevo), Germano A. Tieme (cavalo), Frederico Göhler (idem), Ernesto Ulber (trabalho de ferreiro), Frederico Erthel (idem), Frederico Raguse (trabalho de marceneiro), Augusto Janz (idem) Carlos Erbs (gamela), W. Berg e A. Bruns (modelo de ponte), Fernando Jönck (tijolos e telhas), Antônio Day (bandeija), Eduardo Schroeder (pintura), Francisco Geithner (trabalho de vidreiro), Virginia Monteiro (trabalhos femeninos), Claudina de Almeida e Mafra, Ernestina Schirmer, Margarida Kühn, Luiza Borrowski, Augusta von Knorring e Ana Schwartzter (idem).

1899 — 1900

3 de janeiro de 1899 — Assina o “Termo de Abertura” do Livro de Notas do Tabelião, o Juiz de Direito Dr. Pedro Alexandrino Pereira.

Neste Livro de Notas, a 17 de julho, é registrada uma hipoteca convencional feita entre Carlos Renaux e sua mulher e o menor Paul Richard Carlos Hoepcke com assistência de sua mãe Hedvig A. Hoepcke, nascida Becker, residentes em Weimar, Alemanha, representada por Francisco Ezequiel Tavares. Importância de 150:000\$000 com juros de 10% ao ano, pagáveis trimestralmente a contar de 1.7.1899. Como garantia, deu Carlos Renaux bens imóveis relacionados no contrato: Palacete residencial e respectivo terreno situado entre as ruas da Matriz e Barão de Ivinheima (atual Carlos Renaux) devidamente discriminado: 3 andares, tendo no alto estátuas representando o Comércio, a Indústria, as Artes, a Lavoura, etc. Outros bens: fábrica de tecidos com dependências gerais da mesma indústria no lugar Pomerânia.

Dezembro — Resultado das eleições realizadas na Vila: Senadores: Dr. Alexandre M. Bayma, 60 votos; Lauro S. Müller, 54 votos. Deputados federais: Eliseu G. da Silva, 62 votos; Abdon Batista, 61 votos; Polydoro Santiago, 61 votos; Hercilio Pedro da Luz, 53 votos; Victorino Paula Ramos, 53 votos e Arthur Boiteux, 52 votos.

Dezembro — Número de eleitores relacionados nesse ano no livro de Notas do Tabelião: 689.

Em 1899 e princípios de 1900 apareceram os primeiros cartões postais com vistas da vila de Brusque. A iniciativa deve-se a Eugen Currelin, livreiro — editor então residente em Blumenau, que reunia vistas fotográficas de Brusque, Blumenau e Itajaí, selecionava-as devidamente, para em seguida enviá-las à Alemanha a onde eram impressos.

A Sociedade Amigos de Brusque possui várias coleções desses postais em perfeitas condições, representando nos dias atuais, verdadeiros documentos ilustrados. São conhecidas quatro séries, sendo duas numeradas. Destaco algumas: Vista parcial da vila com as duas igrejas; nossa Rua Principal, a Barão do Ivinheima, hoje Carlos Renaux em que aparecem, em destaque, os prédios Buettner, Carlos Gracher, Gustavo Krüger; do edifício ou palacete Renaux, no centro, atual praça Barão de Schneéburg, 3 andares com as famosas figuras simbólicas: Indústria, Comércio, Lavoura, Artes, etc.; a rua Conselheiro Willerding que mostra, no primeiro plano, um poço do qual as famílias vizinhas se serviam; aspectos do porto fluvial, muito antes da ponte Vidal Ramos, com lanchas e a barcaça para travessia do rio, e as tradicionais balsas, armadas no Ribeirão do Ouro e Porto Franco. Essas balsas, feitas de taboas das mais variadas madeiras, quando não vendidas em Brusque, seguiam até Itajaí.

Outro postal mostra o referido porto, na margem direita, um armazém que servia para depósito de mercadorias, utensílios das lanchas, etc. e com bastante nitidez, trilhos da estrada de ferro particular da fábrica de Tecidos Renaux que ligava o porto à fábrica.

Essa linha férrea tinha situação perfeitamente legal, condicionada por intermédio de um contrato firmado entre Carlos Renaux e a Superintendência, representada por Nicolaa Gracher. Esse instrumento permitia a Carlos Renaux a construção de uma linha férrea de bitola estreita para tração animal que, partindo da passagem sul do rio Itajaí Mirim, terminava nas proximidades da fábrica de tecidos em Pomerânia, numa extensão de 3 quilômetros. Um vagão corria pela linha transportando operários e mercadorias e uma vagonete, impulsionada por uma alavanca especial utilizada por uma ou duas pessoas.

— 1924 —

Janeiro — Fundado o “Tênis Clube de Brusque”

A receita e despesa do Município é orçada, respectivamente, em 40:000\$000. Superintendente João Schaefer.

Maio — No concurso realizado na localidade de Nova Berlin, em Blumenau, a Sociedade Cantores de Brusque, sob a direção de Luiz Lübke, classificou-se em 2º lugar entre 13 Sociedades.

Maio — O “Cine Esperança” inicia a projeção do filme em série “O Furacão”, em 15 “emocionantes” episódios.

Maio — Manchete da “Gazeta Brusquense”: A ESTRADA DO OURO VAE SER UMA REALIDADE — BRUSQUE VAE TER COMUNICAÇÃO DIRETA COM OS MUNICÍPIOS SERRANOS”. O

— 92 —

contrato foi firmado em Florianópolis no dia 24 de abril passado pelo Superintendente João Schaefer, que estabelece a construção da estrada partindo da barra do Ribeirão da Areia até o rio Santa Luzia, num total de 28 quilômetros. Era governador do Estado Dr. Hercílio Pedro da Luz.

15 de junho — É inaugurada a Praça de Desportos do Clube Esportivo Paysandú sob a denominação de "Cel. Carlos Renaux". Por ocasião da partida inaugural de futebol entre o Brasil x F. C. de Tijucas e o C. E. Paysandú, violenta briga, hoje memorável, verificou-se, ao ter início o segundo tempo. Participaram da briga respeitáveis cidadãos brusquenses e tijuquenses, inclusive autoridades e dirigentes dos clubes S. C. Brusquense e Brasil F. C. O C. E. Paysandú, afinal, nada tinha com a briga, motivada por antigas rusgas daqueles dois clubes.

À noite, no Hotel Gracher, que então hospedava a delegação de Tijucas, entre abraços, lágrimas e palavras de carinho, os brigões da tarde cuidaram da pacificação e de novos protestos de amizade.

Guilherme Varela, da delegação tijuquense, jornalista muito popular e querido, pronunciou um discurso lembrando a tradicional amizade de nossas cidades, notadamente no campo esportivo, lamentando a briga porque alterou inesperadamente a festa do Paysandú.

Entretanto, ao finalizar, disse "nem sempre as brigas são inconvenientes, porque no final, apesar dos arranhões e depois das devidas explicações, a amizade torna-se mais sólida, firmada com uma taça de champagne ou um copo de cerveja."

— 1924 —

O Padre Germano Brand, vigário de Brusque, funda nesta cidade o 1º SEMINÁRIO MENOR DOS PADRES DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, no Brasil.

A Biblioteca "Dr. Fritz Müller", situada à Alameda Duque de Caxias, nº 64, em Blumenau, funciona de segundas às sextas-feiras, das 7,30 da manhã às 11,45 e das 13,30 às 21 horas. Aos sábados, das 7,30 às 11,45 e das 13,30 até às 16,45 horas.

Em Blumenau existem atualmente 512 indústrias de grande, médio e pequeno porte. Estabelecimentos comerciais, atingem a elevada soma de 1776 desde os mais modestos aos mais sofisticados. Existem ainda, 1324 estabelecimentos prestadores de serviços. Vinte e quatro é o número de Bancos e Casas Bancárias.

— 93 —

A Origem do Nome de Itajaí

Por Gustavo Konder

Revedo um velho arquivo de documentos, colecionados pelo meu saudoso pai, Marcos Konder, encontrei uma carta interessante do eminente sábio Dr. E. Roquette Pinto, em resposta à consulta que lhe fez em 1943 sobre o verdadeiro nome de Itajaí e que transcrevo para o conhecimento dos meus conterrâneos e leitores.

Eis a íntegra da carta:

“Rio de Janeiro, 17 de Dezembro de 1943. — Meu caro amigo Sr. Marcos Konder — Só agora posso responder à sua carta, porque só agora encontro o artigo do Sr. Padberg a respeito de Itajaí. Está publicada no Boletim do Museu Nacional - Vol. VIII - 1932. O artigo, porém, pouco adianta sobre o que dizia o velho Martins no seu *Nomina locurum* do Brasil, em 1863: - Itajahy - Tajá-erva; Oy-água: - *fluvius herbae Taiá*. Seja: Itajahy-rio das Taiobas. Com os meus votos de ano bom envio-lhe os meus afetuosos cumprimentos. (Ass.) — Roquette Pinto.

“O Itajahy”, Motivado por uma carta do Sr. José Ferreira da Silva, de Blumenau, publica o Sr. A. J. A. Padberg - Drenkpol no Museu Nacional do Rio um interessante estudo sobre o rio, nas margens do qual está situado Blumenau, sobre o nome Itajahy. Segundo a explanação, entram em conta duas explicações do nome. Podia-se deduzir o nome da palavra tupi ITA, isto é rochedo, e Y, isto é, água, rio, o nome poderia ser interpretado como o rio do rochedo. Mas esta explicação seria dificultada pelo JA ou YA entre ITA e Y. Então o nome do rio seria simplesmente ITAHY, uma denominação que aparece no Brasil com frequência. Em caso de necessidade poderíamos ligar a designação Tupi com os peixes-escorpiões, o que daria ITAJAHY a interpretação do rio ITAJA ou ITAJARA. Esta explicação seria muito rebuscada. O Sr. Padberg dá por isso a preferência a uma outra explicação. Ele considera o “I” do princípio como uma intromissão, o que significaria o nome “TAJAHY” rio TAIÁ. O taiá é aqui conhecido por todos como uma planta herbacea, cujas raízes substituem as batatas e cujas

folhas o espinafre. A palavra do tupi designa o gênero dessas plantas *arum* de uma grande quantidade de diversas espécies, entre as quais o nome *Ngams* ou *Inhame*. A interpretação do Sr. Padberg tem a seu favor que o rio em documentos antigos chamava-se:- TAJAY, TAUJAJÉ, TAYAHUG, TAJABUG, TAYAHUY e somente na primeira quarta parte do século passado tornou-se mais usado o nome de ITAJAHY."

Em baixo deste documento, o meu pai (Marcos Konder) anotou ainda o seguinte:- Nas cartas marítimas inglesas da costa do Brasil, o rio Itajaí figura como TAI AHY. A mesma designação eu li num mapa antigo de reliquias históricas que estava exposto numa papelaria da Rua Quitanda no Rio de Janeiro. Com as mudanças feitas para satisfazer a reforma da ortografia fonética devia-se, a meu ver, ter conservado a palavra tupi. M. K.

xxxxxxx

Alguns dados biográficos sobre o extraordinário e ilustre escritor Dr. E. Roquette Pinto. Formou-se em medicina, que era a sua nobre profissão, bem como ao estudo das questões sociais e, particularmente, de tudo que se refere à questões antropológicas e etnográficas. Tem dedicado a sua melhor atenção, seguindo -- como diz um biógrafo -- "nas suas diversas iniciativas resultados homogêneos e concludentes, que orientam de então para diante as pesquisas dos institutos especializados ou dos investigadores isolados".

Escreveu diversos livros científicos e históricos, um deles foi "Rondonia", editado em 1916 - volume substancioso e rico de matéria original, feito à margem de uma verdadeira epopéia da nossa civilização, e que se considera como sendo sua obra capital.

Tomou parte, desde 1928, na Academia Brasileira de Letras, substituindo, na cadeira nr. 17, a Ozorio Duque Estrada. Dirigiu muitos anos o Museu Nacional do Rio de Janeiro com extraordinária competência e atividade. Também dirigiu o Instituto Nacional do Cinema Educativo, hoje radiodifusora "Roquette Pinto".

O ilustre sábio R. Pinto, já falecido ha alguns anos, esteve em Blumenau, convidado pelo meu tio Victor, quando era Ministro da Viação, para inaugurar oficialmente o magnífico

monumento do sábio e naturalista Dr. Fritz Müller, tendo proferido uma (maravilhosa) palestra-biográfica. Mais tarde a sua dissertação foi enfeitada em um bonito livrete "Glória Sem Rumor". Eu e o meu saudoso pai estivemos presentes à inauguração.

xxxxxxx

Sòmente hoje, dia 21 de maio, soube da infausta noticia do falecimento do históriador joinvilense Dr. Carlos Ficker, ocorrido à 7 de maio, na Alemanha, onde esteve a passeio com a sua exma. Senhora. Esta triste noticia chocou-me profundamente, pois ha alguns anos fomos bons amigos, trocando correspondência importante sobre os temas da colonização belga em Ilhota. Consultou-me algumas vezes sobre os meus bisavôs Cel, José Henrique Flôres e Gustavo Lebon, sendo que o primeiro era donatário de toda a zona de Ilhota e uma parte de Luiz Alves, e o segundo era um dos primeiros colonos e braço direito do fundador Van Lede. Depois escreveu um livrete "Charles Van Lede e a Colonização Belga em S. Catarina". Presenteou-me um exemplar com uma bela carta, além de alguns documentos valiosos de Gustavo Lebon, quando era despachante em São Francisco do Sul.

O ilustre extinto e eu tinhamos o mesmo ponto de vista sobre a estúpida xenofobia de alguns exaltados nacionalistas de visão curta.

Dr. Carlos Ficker históriou com toda a fidelidade a fundação e colonização de Da. Francisca (Joinville) e depois a de São Bento do Sul, quando festejou o seu primeiro centenário. Apesar dos importantes trabalhos históricos, o desaparecido sempre mostrou-se muito modesto e retraído. Em sua casa, em Joinville, guarda uma grande e valiosa coleção de documentos referentes à colonização joinvilense.

Desapareceu para sempre o meu querido e velho amigo Dr. Carlos Ficker, que, sem duvida, foi uma das cintilantes estrelas do firmamento intelectual de Santa Catarina.



Com os poucos imigrantes vindos no ano de 1879, chegou tambem à Blumenau, como colono, Pedro Cristiano Feddersem, que mais tarde, teve atuação destacada na vida politico-administrativa e social de Blumenau e cujo nome, aparece com frequencia nas paginas dos fatos desta comuna.

Professor CARLOS FICKER

Pelo telefone, tivemos a triste notícia do falecimento na Alemanha, de Carlos Ficker. Dizia-nos a notícia que Carlos Ficker, havia falecido na Alemanha, e seu corpo seria transportado até São Paulo, donde seguiria para Joinville. Nada mais conseguimos saber.



Com o desaparecimento deste grande historiador, está de luto todo o Estado de Santa Catarina e, principalmente Joinville, onde por longos anos residiu o ilustre escritor e emérito historiador,

O inexorável golpe, deixou um vazio, muito difícil de ser preenchido. Um dos grandes historiadores que Joinville já conheceu, admirou e aplaudiu, pela sua privilegiada inteligência, cultura e devotamento às belezas de nossas tradições.

Possuindo uma extraordinária força de trabalho, soube ser digno de

sua luta e de seu idealismo

Pesquisando o passado, evocando fatos históricos que marcaram a colonização de Joinville, o extinto, deixou para a posteridade, um valioso acervo histórico de rara autenticidade e originalidade de detalhes na singelza de sua brilhante pena, muito contribuindo para o patrimônio histórico da bela cidade de Joinville.

Nasceu Carlos Ficker a 11 de fevereiro de 1916, na Alemanha. Desaparece o nobre e ilustre escritor e historiador, aos 58 anos de idade. Deixa viúva a Exma. Sra. Dona Elizabeth Ficker e três filhos, formados em engenharia; deixa ainda vários netos.

Dentre os seus inúmeros e valiosos trabalhos históricos, há de se destacar os seguintes:

«História de Joinville» já com a segunda edição esgotada.

«Natureza no passado de Joinville» editado em 1962.

«Pequena história de Joinville», «Colonos de Joinville na guerra do Paraguai», Charles Van Lede e a Colonização Belga.

Colaborou nesta revista com magistras artigos sobre história que muito agradou aos nossos inúmeros leitores.

«Subsídios para a história de São Bento do Sul» foi um de seus últimos trabalhos que conquistou ressonância nos meios culturais do país.

Colaborou ainda em vários jornais e revistas sendo seus escritos muito apreciados pelos temas e vivacidade com singeleza, como sabia expor e desenvolver os fatos históricos que a todos prendiam.

«Blumenau em Cadernos» ainda não refeito do duro golpe, envia à família enlutada e a toda Joinville, os mais sentidos pêsames por essa irreparável perda.

Os primeiros moradores de Gaspar

SILVEIRA JUNIOR

Provavelmente já no Séclo XVIII houvesse muitos moradores nas margens do Itajaí-Açú, e Barros Cassal diz, em publicação de 1816, que nelas havia «muitas serrarias», que, como se sabe, não eram nada do que hoje entendemos por esse nome, mas apenas um estaleiro, onde as pessoas serravam madeira a mão.

Em 1796, a foz do Itajaí-Açú era inteiramente povoada de ambos os lados, isto é: onde hoje estão as cidades de Itajaí e Navegantes.

Mas, sem dúvida, um dos mais velhos documentos sobre titulação de terras acima de Ilhota é esta escritura, de 25 de agosto de 1814, extraída de um antigo registro de terras públicas deste Estado, que abaixo transcrevo, tanto quanto pude entender, oferecendo-a ao Prefeito e Vereadores do vizinho município de Gaspar:

Indústria Açucareira e Escravidão

«Registro da Sesmaria do Sargento Mor Manoel Antonio de Souza Medeiros, desta Vila, como abaixo se declara: Dom Luiz Mauricio da Silveira, Governador da Capitania da Ilha de Santa Catharina, por Sua Alteza Real, que Deos Guarde, faço saber aos que esta minha Carta de Sesmaria virem que atendendo o representar-me o Sargento Mor de Milícias Reformado Manoel Antônio de Souza Medeiros, morador nesta Vila, que ele possui hum grande número de escravos para empregar na Agricultura e não tinha terras bastante para cultivar e me pedia utilizar os Reais Direitos e nellas levantar huma fabrica de asucar, por ser hum dos povoadores lavradores demais forças (?) deste Pais, e que tinha certeza de que no Rio de Tajahy Asu desta dita Vila, havião terras devolutas, me pedia pelos requerimentos e despachos correntes que me apresentava lhe concedesse Sesmaria no Real nome de S. A. R, huma legoa em quadro cujo terreno foi medido pela forma seguinte:

Dois marcos: Um Baguaçu e um Girivara

«Teve principio na margem do sobredito Rio de Tajahy Asu na parte do Norte no lugar denominado Gaspar onde medirão uma legoa de terras de frente com outra de fundos, correndo o rumo de frente a Leste Oeste com os fundos a Norte Sul, extremando pela parte de Leste com uma data do Ouvidor da Fazenda desta Ilha João Orestes Barreto da Fontoura, donde se faz novo marco em hum Páo Baguasu de sua nascença pela parte de Oeste com terras do Patrimonio Regio, donde se fez outro marco em hum páo denominado girivara tão bem do seu nascimento, na beira do mesmo rio e pelos fundos com (ilegível) devolutas, sendo feita esta medição sem prejuizo de terceiros e na presença do unico Ereo que havia e mais duas testemunhas como tudo constava da (ilegível) do Demarcador Manoel Silveira da Costa datada de 20 de fevereiro de 1813, em cujos requerimentos tendo sido ouvidos os Tribunais Competentes, se lhe não oferecia dúvida.

Sesmeiro tinha que cultivar

«Pelo que (ilegível) hei por bem de conceder dita Sesmaria em nome de S. A. R. e em virtude da Real Ordem de 9 de Agosto de 1747 e do Real Decreto de 22 de Junho de 1808 ao mesmo citado Sargento Mor Mario Antonio de Souza Medeiros a mencionada Legoa de terras de frente com outra de fundos, na forma acima exposta, com especial Clauzula

de Confirmar esta minha Carta de Sesmaria pela Meza de Dezembargo do Paço (ilegível) sem o que tudo terá efeito esta minha Conção a qual escriturará sem prejuizo de terceiros ou de Direito que alguma pessoa dellas tenha, com condição de que cultivará, beneficiará os caminhos da dita Testada com pontes e estivas aonde necessário for e que havendo nellas Rio Caudalozo que necessite de Barca (ilegível) ficará reservado de ambas as margens dele terras que baste para servidão pública e nesta data não poderá succeder (?) em tempo algum pessoa Eclesiastica, ou Religião e succedendo será com encargo de pagar Dizimo, ou outro qualquer que S.A.R. impuzer de novo e não pagando se poderão dar a quem o denunciar.

Subsolo Continuava da Coroa

«Como tão bem sendo o mesmo Senhor servido em dar fundação no Distrito delas alguma Vila o poderá fazer, ficando livre sem penção alguma ou encargo para o Sesmeiro e não compreenderá esta data oiro ou minas de qualquer metal que nelas descobrir, reservando-se tão bem os Pãos Reais e faltando a qualquer destas Clauzulas conforme constam (ilegível) e Lei e (ilegível) das Sesmarias ficará privado desta. Pelo que mando ao Ministro ou Oficial a quem conhecem, desta pretensão dê pelo referido Sargento Mor Manoel Antonio de Souza Medeiros das terras acima (ilegível). Dado e passado nesta Vila de Nossa Senhora do Desterro, aos 25 de agosto do ano de mil oitocentos e quatorze».

OBSERVAÇÕES:

Sesmaria - Terras abandonadas que a Coroa Portuguesa concedia para quem as cultivasse.

«Uma legoa em quadro» - Neste caso, légua correspondia a uma medida agrária portuguesa de 6.179 m. A «légua em quadro» que foi concedida onde hoje é Gaspar era uma imensa gleba de mais de 38.000.000 de m²

«Baguaçu de sua nascença» - Baguaçu é uma palmácea, mas, nesta região, sempre se deu este nome a uma árvore de grande porte que produz madeira mole e de má qualidade. «De sua nascença», na linguagem tabeliça acima, quer dizer que era uma árvore viva, de pé, e no lugar em que nasceu Foi utilizada como um dos marcos.

«Girivara» - Provalmente seja corruptela de «jerivá», uma espécie de coqueiro, comum nesta região. Era outro marco.

«Data» - Nesta acepção quer dizer «gleba», «terreno».

«Não poderá succeder pessoa Eclesiástica» - Parece que esta proibição decorria do fato de o Estado estipendiar os vigários. Provavelmente por isso a escritura desobrigava o Estado de tal despesa que correria por conta do Dizimo, se o sesmeiro instalasse eclesiástico ou religião em sua sesmaria.

«Reservando-se tão bem os páos reais» - «Tão bem» é forma incorreta de também. Quanto a esta reserva de «paus reais» tudo faz crer que seja um ranço português que considerava os carvalhos e outras essencias nobres como privativos da Coroa.

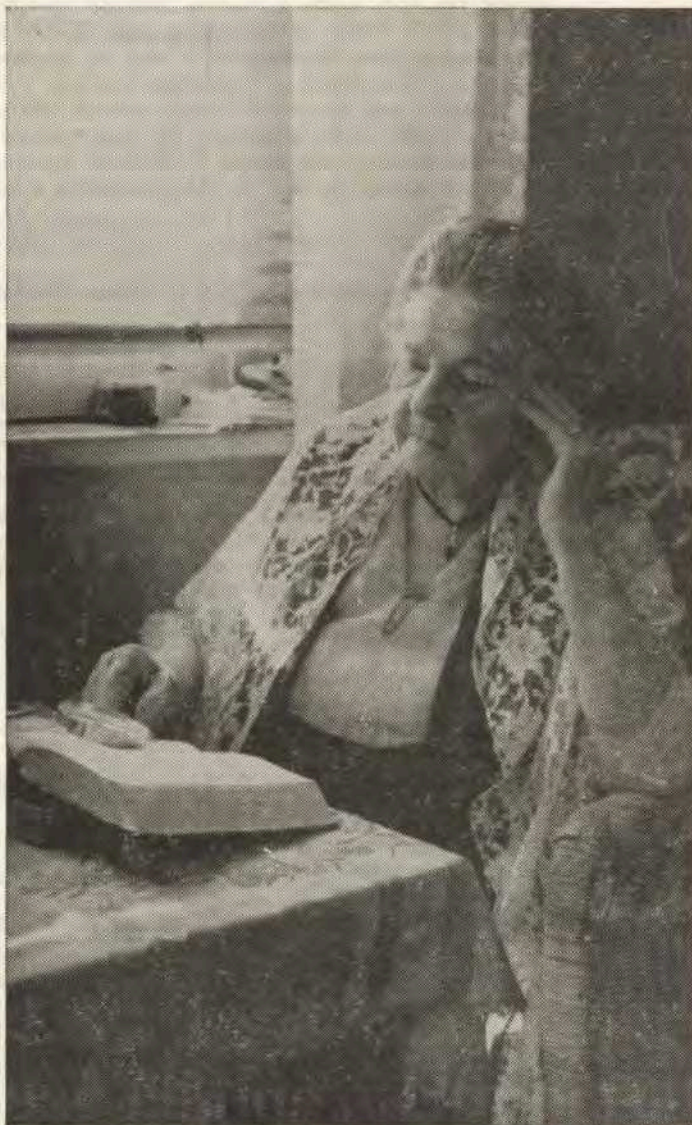
«Blumenau em Cadernos» O presente numero, foi composto nas Oficinas Gráficas da Fundação
«Casa Dr. Blumenau»

Gertrud Gross-Hering - Um perfil

(Inge Vera von Hertwig)

GERTRUD GROSS-HERING, nascida a 6 de maio de 1879, em Dresden, na Alemanha, faleceu a 7 de março de 1968, em Blumenau, com 89 anos. Chegou ao Brasil com apenas um ano de idade. Cedo iniciou o que mais tarde tornou-se uma constante em sua longa vida: confiar ao papel os seus pensamentos. O que no princípio eram estórias,

rimas improvisadas ou pequenas peças teatrais, no decorrer do tempo tornaram-se crônicas coloniais, novelas, contos, poesias e romances, publicados em diversos periódicos, e posteriormente editados em livros, edições estas financiadas pela própria autora - era o seu hobby! O acervo de suas obras literárias é portanto, bastante grande, tendo-se em conta que a escritora não teve as melhores condições escolares, uma vez que a colônia, naquela época, dispunha do mínimo em instituições de ensino. Entretanto, a privação de uma escola não afetou a formação intelectual da futura escritora, pois aos quatro anos ela já estava iniciada no ABC, escrevendo aos seis anos a sua primeira peça teatral para as crianças da vizinhança. Com dez anos pode, finalmente ingressar na escola, já com bastante conhecimentos básicos e até além destes, pois a família culti-



GERTRUD GROSS-HERING

vava com carinho as tradições da velha pátria, e o ambiente familiar traduzia saber e cultura. Lia-se e recitava-se desde Platão até Goethe, representava-se de improviso nos serões da família, parodiavam-se muitas

vezes as obras dos grandes poetas, para delícia de todo o clã, procurava-se a atualização em todos os ramos do conhecimento existente. Assim a menina Gertrud, caçula de uma grande família de pioneiros, quase não sentia falta de maiores ensinamentos. Na escola teve, entre outros, como mestre o grande sábio Fritz Mueller, que não se sentia diminuído, ensinando os filhos dos imigrantes.

Cresceu assim, entre o pioneiro trabalho de toda uma família, que ergueu bem alto a pequena indústria caseira, início da firma «Gebroeder Hering», e cujo nome hoje, «I. T. C. H.» - é uma instituição, empresa das mais importantes no Sul do país.

Criada em meio o exaustivo trabalho e sacrifícios sem conta, ao lado de intensa vida intelectual, a caçula que não se viu obrigada a trabalhar na fábrica lado a lado com as irmãs e os irmãos mais velhos, desenvolveu plenamente as suas aptidões literárias. Encorajada e estimulada pelos irmãos, mais ainda por «Onkel Bruno», esteio de todos, grandes e pequenos durante uma geração inteira, ela nunca deixou de escrever e rabiscar o que pudesse encontrar - seja papel, sejam as paredes atrás da fábrica; pintava nas lajes com carvão, escrevia em tudo o que lhe parecia bom para isto! Naquela época tudo era difícil de conseguir lápis, papel, canetas, penas. Tinta para pintar era cara, lápis de cores não havia. O que inventou a menina Gertrud para fazer o que ela mais gostava além de escrever? Espremia folhas e flores, obtendo deste sumo um arco-íris que largava no papel, pintando estas mesmas flores, árvores, casas, gente!

Acostumada desde o berço num ambiente exótico, a menina Gertrud entretanto, herdou da mãe a nostalgia da velha Europa. Sempre atenta aos problemas da grande família, que já começaram no ano em que chegaram, com a enorme enchente que devastou a casa e o único tear manual da minúscula fábrica caseira, a mãe, sempre terna e corajosa, em todos os seus afazeres, nunca deixou de sofrer com as saudades da pátria. A criança, muito ligada à mãe, sentiu de perto este conflito, que mais tarde se revelaria em muitos dos seus personagens.

Entre os livros publicados contam-se: «Durch Irrtum zur Wahrheit» (Do erro para a verdade; «Aus Kindern werden Leute», seu primeiro romance (Crianças tornam-se adultos); «Frauensicksale» (As mulheres e o Destino); «Der Sonnenhof» (O Sítio do Sol); «Neue Wege» (Novos Caminhos); «Der Weg der Frau Agnes Bach» (O caminho da senhora Agnes Bach); «Ruck»;... wenn der Wind darueber geht» (Quando o vento passou por tudo...); «Und dann kam die Loesung» (Então surgiu a solução).

Os livros foram incorporados a várias bibliotecas, entre outras à «Deutsche Buecherei Leipzig». Além dos romances editados, a escritora conta em suas obras muitas poesias inéditas, novelas, algumas lendas indígenas. As peças teatrais são dignas de nota, pois uma delas, apresentada em 1936, no velho Teatro «Frohsinn», foi especialmente escrita para as crianças e a juventude. É uma peça linda, infelizmente perdida, e cujo título «O Exílio da Lenda» «Die Verbanung des Maerchens») traduz bem a preocupação da autora de familiarizar crianças e jovens para o teatro vivo, apresentando lhes um tema diferente, mos-

trando-lhes que não devemos exilar da nossa vida os sonhos, os contos de fadas e as maravilhosas idéias da infância, pois fadas, bruxas, anões e gigantes fazem parte do nosso despertar, e banidos da nossa vida, nos tornam tão áridos e severos como os austeros professores da peça, que mandaram queimar todos os livros infantis, fizeram a Lenda chorar e as crianças ficaram tristes; mas a silenciosa e suave batalha dos personagens dos contos de fadas conseguiu quebrar o gelo dos inflexíveis professores, e as crianças, felizes, receberam de volta seus amados livros. Outras peças teatrais versam sobre o tema predileto da autora, que é a imigração no Brasil. Além da sua vocação literária, outra inclinação bem cedo fez-se presente: a pintura, na qual tornou-se exímia, sem ter frequentado sequer uma escola de belas-arts. Autodidata em tudo onde se destacou com perfeição. A sua inclinação literária levou-a para outros campos. Assim igualmente desde cedo sentiu vivo interesse por tudo o que se relacionava com arqueologia, que naquela época era a ciência da moda. Estórias de sepulturas indígenas nos arredores onde vivia, lendas e fatos, despertaram na menina Gertrud fascinantes perspectivas para descobertas, as quais, entretanto, não puderam ser levadas a efeito, pelas dificuldades existentes naquela época. Entretanto, a fascinação que a arqueologia sempre despertou na escritora, tornou-se efetiva, quando, por meio de interessante correspondência, conheceu duas sumidades neste campo, o Prof. Daniel Ruzo, etnólogo peruano, e Denis Saurut, doutor em letras, escritor brilhante e membro de várias associações científicas mundiais.

Não fosse a sua avançada idade, teria participado de uma expedição científica a uma antiquíssima cultura inca, à convite do Prof. Daniel Ruzo. Mesmo assim, o seu interesse por culturas antigas perdurou até o final de seus dias, e uma de suas grandes aspirações, conhecer Pompéia, a cidade soterrada pelo Vesúvio, e hoje em dia um dos monumentos da antiguidade, ela pôde realizar em 1952, durante a sua última viagem à Europa. As suas viagens ao «velho mundo» sempre trouxeram novos horizontes para a sua carreira e seus interesses.

Deve-se levar em conta que Gertrud Gross-Hering exerceu as suas atividades literárias muitas vezes em condições adversas, sendo como era mãe de família e dona de casa, e principalmente a época em que passou sua infância e juventude, que era de pioneirismo, de abnegação e grande desprendimento para todos os que aqui procuravam uma nova forma de vida, na maioria das vezes em precárias condições. Mas, os valores culturais nunca foram abandonados, ao contrário, cultivavam-se, mesmo com sacrifícios, a música, o teatro, e os livros passavam de mão em mão.

O estímulo, no início, era de bondosa zombaria por parte dos irmãos mais velhos. Entretanto, ela não desanimava. Escrevia como podia, seus desenhos coloridos suavemente com o sumo de flores, plantas e folhas. Nada tendo para rabiscar, projetava garatujas na terra, na areia. Moldava figuras de barro, que cozinhava

no forno de pão. Observava o crescimento das plantas, a vida dos animais, dos insetos, dos pássaros. Olhava o céu, à noite, tendo as primeiras noções de astronomia com o querido «Onkel Bruno». Ficava horas no «mato», a espera de um puma, do qual tinha visto os rastros; procurava sinais dos índios botocutos, enfim, era a «cientista» da família! Logo, não era mais alvo das risadas dos irmãos, pois reconheceram e aceitaram, respeitando a seriedade com que a irmazinha considerava as suas obras e a sua sede de saber. Já realizada em sua carreira, favorecia as letras e as artes, as tradições e costumes da velha e da nova Pátria, tornando-se um sustentáculo dos valores culturais de Blumenau.

Assim vemos em Gertrud Gross-Hering uma verdadeira vocação literária, e que com muita singeleza retratou em suas obras a vida dos pioneiros de uma cidade, de uma terra muito nossa, e que com suas múltiplas maneiras de ser e de viver dos seus descendentes, tornou-se um centro de tradições e de cultura, de trabalho e de progresso.

Devemos reconhecer que a escritora sempre procurou manter em suas obras um nível que facilitasse a comunicação, principalmente para os leitores do interior, que se deliciam com as estórias que apresentam faces do seu dia a dia.

É uma homenagem, talvez inconsciente até, que a autora faz aos primeiros colonos que aqui vieram, enfrentando todos os revezes. para iniciarem nova vida em novas terras!

Alguns dos seus romances são para um público exigente, outros foram escritos para os jovens.

Juntamente com sua sobrinha-neta Elke Hering-Bell, escultora e pintora, Gertrud Gross-Hering foi destacada na «Grande Enciclopédia Delta Larousse», como romancista brasileira de expressão alemã. Gertrud Gross-Hering foi uma escritora versátil, com idéias avançadas, e centro da vida intelectual das gerações velhas e novas, com o ideal de manter as tradições, estimular a nova geração, aperfeiçoar-se sempre, elevando o espírito, ampliando os horizontes.

A fundação de Lages

Corrêa Pinto chegou ao local que lhe fôra indicado, nas Taipas, em novembro de 1766 e logo tratou de levantar uma capela de madeira, colocando-a sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, da especial, devoção do Morgado. Teve, entretanto, de mudar por três vêzes, o local da fundação, devido à impropriedade do terreno, até que, a 22 de maio de 1771, reuniu os habitantes e declarou fundada a vila de N. Sra. dos Prazeres de Lages, lavrando o respectivo têrmo, que foi assinado pelos presentes.

Dr. Martinho Cardoso da Veiga

Faleceu às 5 horas da manhã do dia 19 do mês em curso, com a idade de 62 anos, o Senhor Professor Dr. Martinho Cardoso da Veiga, ilustre blumenauense que dedicou toda a sua vida em prol do ensino e progresso de nossa cidade.

Nasceu Martinho Cardoso da Veiga, em Blumenau, a 14 de maio de 1912, filho de Luis Silveira da Veiga e de Maria Amalia Cardoso da Veiga.

Vereador por 3 legislaturas, vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, onde, ao lado de Frederico Carlos Allende, prestou relevantes serviços a nossa comunidade, no período de 1949 à 1957.

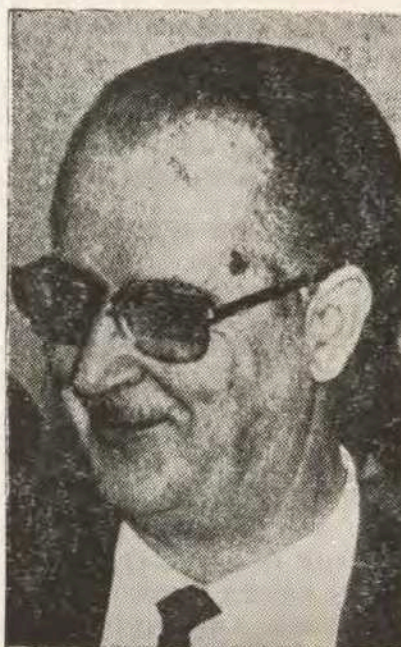
Espírito reto, estava sempre pronto para auxiliar aos que a ele recorriam. Primeiro Reitor da Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau, foi sempre um Professor eficiente e dedicado ao ensino superior.

Como vereador, pela sua eficiência e dedicação, foi eleito «Vereador do Ano», pela Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí.

Deixa a extinto, uma grande lacuna no seio da sociedade blumenauense, principalmente entre as classes produtoras em que foi um orientador seguro e capaz. Como professor da Faculdade de Ciências Econômicas, grangeou entre os alunos, um grande círculo de amigos e admiradores que o estimavam.

Bacharelou-se em Direito para melhor atender aos inúmeros encargos que lhe estavam afeitos como excelente profissional.

Seu corpo foi velado em câmara ardente no salão nobre da Câmara de Vereadores, de onde saiu o enterro



Dr. Martinho Cardoso da Veiga

tendo ainda, antes sido trasladado para o saguão da Faculdade Regional de Blumenau com grande acompanhamento.

«Blumenau em Cadernos» solidarizando-se ao pesar de todo Blumenau, associa-se às últimas homenagens prestadas ao pranteado extinto.

Indústria Textil
Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - BRASIL

Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal N°. 2

Telegr.: «T R I C O T»

HERING

Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a
Grandeza do Brasil
em seu Comércio
e Indústria

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
Tipografia e Encadernação.

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercilio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Christiana Deeke Barreto* - *Elimar Baumgarten* - *Dr. Carlos Goffejé* - *Augustinho Schramm* - *Isolde Hering d' Amaral.*